

“PRA FRENTE É QUE SE ANDA”: UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO EXTENSIONISTA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

“PRA FRENTE É QUE SE ANDA”: AN EXTENSIONIST COMMUNICATION EXPERIENCE DURING THE COVID-19 PANDEMIC

“PRA FRENTE É QUE SE ANDA”: UNA EXPERIENCIA DE COMUNICACIÓN EXTENSIONISTA DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID-19

Mônica Mourão Pereira¹
Allan Matheus de Almeida²
Pedro Felipe Toscano Diniz³

RESUMO

“Pra frente é que se anda” é um projeto de extensão que consiste na realização de um podcast jornalístico de entrevistas com defensoras e defensores de direitos humanos. No presente artigo, é relatado o processo de produção da primeira temporada podcast em 2021, durante um momento tão crítico da pandemia de covid-19, sendo destacadas as relações entre as entrevistas jornalísticas e a construção de memórias, que articulam o passado, presente e futuro. A primeira temporada começou a ser realizada em março de 2021, um dos meses mais letais da pandemia da Covid-19 no Brasil, e concluída em dezembro do mesmo ano. Pelas condições sanitárias, o processo teve sua primeira temporada toda realizada de forma on-line: pré-produção, gravação, edição e divulgação de sete episódios. Ao final do projeto foram publicados sete episódios que trataram de temas como a luta por direitos de grupos minorizados na sociedade, como mulheres, LGBTQI+, negros e povos do mar, e discussões como a relação da juventude, cultura e periferia, soberania alimenta, entre outros. Os episódios estão disponíveis nas principais plataformas digitais, e foram veiculados em rádios do Ceará e Rio de Janeiro.

Palavras-chave: *direitos humanos; memória; podcast.*

ABSTRACT

"Pra frente é que se anda" is an extension project that consists of the realization of a journalistic podcast of interviews with human rights defenders. In this article, the production process of the first season of the podcast in 2021 is reported, during such a critical moment of the covid-19 pandemic, highlighting the relationships between journalistic interviews and the construction of memories that articulate the past, present, and future. The first season began in March 2021, one of the deadliest months of the Covid-19 pandemic in Brazil, and concluded in December of the same year. Due to sanitary conditions, the entire process had its first season conducted entirely online: pre-production, recording, editing, and dissemination of seven episodes. At the end of the project, seven episodes were published that addressed topics such as the struggle for the rights of marginalized groups in society, such as women, LGBTQI+, blacks, and sea peoples, and discussions such as the relationship of youth, culture, and the periphery, food sovereignty, among others. The episodes are available on major digital platforms and have been broadcast on radios in Ceará and Rio de Janeiro.

Keywords: *human rights; memory; podcast.*

¹ Profª. Dra. do Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

³ Publicitário formado pelo Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

RESUMEN

"Pra frente é que se anda" es un proyecto de extensión que consiste en la realización de un podcast periodístico de entrevistas con defensoras y defensores de derechos humanos. En el presente artículo, se relata el proceso de producción de la primera temporada del podcast en 2021, durante un momento tan crítico de la pandemia de covid-19, destacando las relaciones entre las entrevistas periodísticas y la construcción de memorias, que articulan el pasado, presente y futuro. La primera temporada comenzó a realizarse en marzo de 2021, uno de los meses más letales de la pandemia de Covid-19 en Brasil, y concluyó en diciembre del mismo año. Debido a las condiciones sanitarias, todo el proceso tuvo su primera temporada realizada de forma online: preproducción, grabación, edición y divulgación de siete episodios. Al final del proyecto se publicaron siete episodios que trataron temas como la lucha por los derechos de grupos minorizados en la sociedad, como mujeres, LGBTQI+, negros y pueblos del mar, y discusiones como la relación de la juventud, cultura y periferia, soberanía alimentaria, entre otros. Los episodios están disponibles en las principales plataformas digitales, y fueron emitidos en radios de Ceará y Río de Janeiro.

Palabras clave: *derechos humanos; memoria; entrevistas; pódcast.*

1 INTRODUÇÃO

“Pra frente é que se anda” é um *podcast*/programa de rádio de entrevistas. O projeto se propõe em aproveitar as ferramentas tecnológicas para criar diálogos que giram em torno da trajetória de movimentos sociais e de defesa de direitos, convidando, durante sua primeira temporada, sempre duas pessoas (uma do Rio Grande do Norte e outra de um lugar diferente do Brasil) para fazerem a ponte entre passado, presente e futuro, ao contarem de que forma atuavam em defesa de suas pautas; o que mudou em relação a isso nos últimos anos; e como imaginam que deverão seguir. A proposta foi articular diferentes movimentos sociais, através deste meio seguro, durante os piores momentos da pandemia da Covid-19 no Brasil.

Realizado no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), “Pra frente é que se anda” propicia, também, uma experiência nos moldes de laboratório para estudantes que desejem atuar na produção de *podcasts* jornalísticos e na criação de conteúdo para o *Instagram*. No embasamento teórico-metodológico, foi realizado uma associação entre história oral, perspectiva histórica que valoriza narrativas, acontecimentos e personagens vindos “de baixo”, à produção jornalística.

A segunda e terceira temporada do projeto foram realizadas durante os anos de 2022 e 2023, respectivamente, e a partir de 2023 o *podcast* passou a ser vinculado ao

Grupo de Investigações sobre Linguagem, Memória e Representação (Gilmar), grupo de estudos do Departamento de Comunicação da UFRN. Porém, o artigo reflete, especialmente, sobre a primeira, que aconteceu entre março e dezembro de 2021, de forma completamente remota. Durante esse período, foram produzidos e publicados sete episódios do *podcast* nas plataformas de *streaming Spotify, Anchor e Google Podcasts*. Dois deles foram ao ar também na Rádio Universitária FM, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e toda a temporada foi veiculada pela Rádio UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Toda a divulgação foi feita através do perfil do *Instagram @gilmar.ufrn*.

Os episódios foram ouvidos por pessoas de diferentes lugares do Brasil, e até de outros países. Com um total de 281 *plays*, sendo observada a seguinte distribuição geográfica de ouvintes: 86% no Brasil; 7% na Alemanha; 6% nos EUA; e 1% em Portugal. Os ouvintes foram 67% do gênero feminino; 33% do masculino; e 0% não especificados ou não binários. A veiculação na Rádio UFRJ, com início no dia 5 de janeiro de 2022, foi resultado de seleção em edital público de veiculação, lançado pela rádio no ano anterior. A Rádio UFRJ tem em torno de 1 mil usuários únicos/mês no site da rádio. Os *podcasts* têm em média 3 mil downloads mensais, com distribuição bem heterogênea, o que dificulta apontar a quantidade exata de ouvintes do “Pra frente é que se anda”.

A ideia de produzir um *podcast* jornalístico de entrevistas com pessoas ligadas a movimentos sociais e de direitos humanos, surgiu a partir dos desafios de atuação naquele momento de pandemia. O *podcast* possibilitava o diálogo, o contato com representantes de movimentos sociais e a prestação de um serviço para a comunidade externa, com a entrega mensal de um produto jornalístico de qualidade, numa perspectiva contra-hegemônica. O “Pra frente” se posiciona, portanto, de forma diferente da imprensa comercial, pois tem como principal interesse a criação/documentação das memórias de movimentos sociais e de defesa de direitos.

Desta forma, o projeto contempla a definição de extensão universitária estabelecida pela Resolução 77/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRN: “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável para viabilizar relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, a partir de um diálogo que envolva os diferentes saberes (das ciências, das tecnologias, das artes, das

humanidades e da tradição), permitindo novas criações, socializações e mudanças recíprocas, com o envolvimento e inserção de alunos, professores e técnicos administrativos em experiências reais junto a diferentes grupos e populações”. Sendo assim, pode-se definir que o “Pra frente é que se anda” articula a comunicação às demais áreas de extensão previstas pela resolução, ao abordar os seguintes temas: cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde e trabalho.

Além disso, com a pandemia, o número de ouvintes de *podcast* cresceu consideravelmente no Brasil. A palavra *podcast* surge pela primeira vez, no ano de 2004, em artigo do jornalista Ben Hammersley, publicado no jornal The Guardian, no qual faz referência “a programas gravados em áudio e disponibilizados na Internet que podem ser ‘assinados’ utilizando da tecnologia *feed* já encontrada nos sites” (Barros; Menta, 2007, p.2).

PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre *Ipod* – aparelho produzido pela *Apple* que reproduz *mp3* e *Broadcast* (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões *mp3*, *ogg* ou *mp4*, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (*feed*) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (Barros; Menta, 2007, p.2-3).

Segundo a pesquisa Kantar Ibope, publicada em janeiro de 2021, houve um aumento de 33% de ouvintes desse formato no país, totalizando 28 milhões de pessoas que afirmavam ter o costume de acessar esse tipo de conteúdo. A proposta de fazer um *podcast* com histórias de luta pela efetivação de direitos humanos tinha, assim, um potencial público-alvo amplo.

Somado a isso, o formato permite que se dê vazão ao fluxo da memória de maneira mais fluida, através da oralidade. Os grandes acontecimentos certamente não escaparão aos historiadores e uma profusão de informações sobre eles já está sendo produzida pela imprensa e por diferentes veículos alternativos. “Pra frente é que se anda” se insere, assim, numa lacuna que é abordar estes acontecimentos do ponto de vista dos “de baixo”, a partir de suas subjetividades.

O projeto também propicia a vivência de um laboratório de produção de jornalismo sonoro, para os estudantes interessados nesta linguagem, e de multimídia, ao se pensar nas estratégias de divulgação através da internet. O contato com movimentos sociais e

ativistas de defesa dos direitos humanos colabora para complementar a formação humanística necessária de comunicadores com responsabilidade social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O eixo de fundamentação teórica centra-se nas questões relacionadas à memória. Cabe observar que memória não é sinônimo de lembrança, nem se refere, exclusivamente, ao passado. Como o conceito da *sankofa*, ideograma de um grupo linguístico da África Ocidental, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda, a memória envolve: retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro. Essas diferentes temporalidades são tecidas nas narrativas. “O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo”, considera Paul Ricoeur (Ricoeur, 1994, p.15). Por ser social e, portanto, relacionar-se a disputas por significado e hegemonia, há intencionalidade na memória que é legada para o futuro. Memória também é projeto.

Para Gilberto Velho (1994), nos projetos, que se inserem numa perspectiva individual, podem caber mais ou menos possibilidades a depender do tipo de sociedade e dos grupos sociais aos quais os indivíduos pertencem. Sociedades tradicionais permitem menos mobilidade, dão menos espaço a projetos individuais do que sociedades complexas. No entanto, mesmo em sociedades complexas, há grupos que funcionam como unidades encompassadoras, grupos integrados que permitem menos opções e escolhas individuais (Velho, 1994). Em todo caso, para o autor, “existe um campo de possibilidades que, se não é exclusivo, é bastante típico desta sociedade, aparecendo fortemente solidário com o desenvolvimento de ideologias individualistas” (Velho, 1994, p.98-99).

Segundo o pesquisador italiano Alessandro Portelli, a história oral “não nos oferece um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (Portelli, 1996, p.72). Assim, o que nos conta um indivíduo não necessariamente aconteceu com todos daquele grupo, contudo muito provavelmente esteve no horizonte ou campo de possibilidades dos demais sujeitos deste grupo. É nessa perspectiva que, ao ouvir as experiências individuais de pessoas ligadas a movimentos sociais, o presente trabalho propicia que se conheçam os campos ou horizon_

tes de possibilidades dos grupos aos quais os entrevistados pertencem.

Mesmo havendo uma memória individual, para Maurice Halbwachs, ela é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que “muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (Halbwachs, 2006, p.69). Então, pessoas que fazem parte do mesmo grupo não se lembram dos fatos de maneira idêntica, embora haja grandes semelhanças que tornam esse grupo coeso. Halbwachs considera que a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (Halbwachs, 2006, p.102). Por sua vez, essa memória coletiva não é única: existem tantas quanto a diversidade dos grupos humanos.

Também seguindo a corrente da memória social, Michael Pollak (1989) trata de forma mais direta a ideia de que existem diferentes memórias coletivas que coexistem em disputa. Para ele, há uma memória dominante, enquadrante ou hegemônica e, em desacordo com ela, memórias subterrâneas. Tendo baseado sua pesquisa, principalmente, nas memórias de sobreviventes do holocausto e de habitantes da antiga União Soviética, Pollak afirma que os portadores destas memórias subterrâneas – e traumáticas – ficam em silêncio e só passam a relatar estas memórias quando muda o contexto político-social que os impede de manter uma posição diferente da memória hegemônica e enquadrante. As memórias coletivas não seriam, portanto, um “fluxo contínuo”, algo “natural”, mas resultado de tensões e consensos possíveis. Assim, mesmo que não haja uma identificação completa entre os casos estudados por Pollak e as memórias das pessoas entrevistadas na primeira temporada do “Pra frente é que se anda”, elas têm em comum o fato de estarem em disputa.

3 METODOLOGIA

A história oral dá preferência a uma “história vista de baixo” e contribui para que se conte a história do tempo presente, valorizando um tipo de fonte que depois ficará inacessível (François, 1996, p.04). Ao ser utilizada metodologicamente na pesquisa, ela parte do pressuposto de que fontes orais e escritas devem ser avaliadas com a mesma criticidade, não havendo uma mais confiável que a outra por si. Além disso, há autores

que categorizam os tipos de pesquisadores que acionam esta metodologia. Lozano chama de “estilo do analista complexo” os pesquisadores para quem a fonte oral é considerada em si mesma e não “mero apoio factual ou de ilustração qualitativa” (Lozano, 1996, p.23). Deste ponto de vista, os relatos orais devem ser analisados e situados historicamente.

Muitas comparações já foram feitas entre os ofícios de historiador e de jornalista. Não, o tema não será aprofundado neste artigo, todavia é necessário trazer elementos de ambas as atividades que dialogam com o projeto proposto. Assim, foi dada ênfase às entrevistas, considerando-as como espaço de diálogo e encontro, além de construção de memória na articulação presente/passado/futuro.

Cada entrevista tinha um roteiro com as mesmas questões-chave, que dava unidade aos episódios: de quais formas eram realizadas suas atividades (de sustento integrado ao meio ambiente e/ou de articulação política) nos últimos anos?; Como elas são feitas atualmente?; Como imagina o futuro? A partir destas perguntas, foram desenvolvidos os temas específicos de cada episódio, conforme será mostrado adiante. Assim, foram realizadas entrevistas semidirigidas, do tipo temáticas, sempre com dois entrevistados em cada episódio: uma pessoa do Rio Grande do Norte e a segunda de outro lugar do país.

Do ponto de vista jornalístico, as entrevistas buscaram constituir o diálogo possível, proposto por Cremilda Medina (1995), a partir de tipologia de Edgard Morin. Para a autora, a entrevista pode ser um espaço em que o entrevistador busca compreender o outro, em que existe uma relação, construída a partir da observação e da sensibilidade. Também é fonte de inspiração a ideia de “escuta ativa e metódica”, que Pierre Bourdieu (2007) propõe para pesquisadores em Ciências Sociais.

Tendo em vista a proposta de entrevista, a equipe executora realiza uma apuração jornalística para subsidiar os diálogos, com levantamento de informações sobre os temas. É sobre este processo que trata o próximo tópico.

4 PROCESSO JORNALÍSTICO

O início da criação do *podcast* aconteceu em março de 2021, considerado um dos meses mais letais da pandemia provocada pela Covid-19, doença que vitimou mais de 14 milhões de pessoas em todo o mundo (OPAS, 2022). Enquanto o número de óbitos

no Brasil chegava a mais de 80 mil, em contraposição à falta de orientação do Governo Federal, no mês de abril a maioria dos governos estaduais indicava que a população deveria realizar o distanciamento social, medida adotada para diminuir a rotatividade e transmissão do vírus (Rosa, 2021). A equipe do “Pra frente é que se anda” adotou esta recomendação, sendo necessário encontrar soluções tecnológicas para realizar as etapas de pré-produção, produção e pós-produção à distância.

Com o bolsista de extensão selecionado e a equipe de voluntários formada, o primeiro encontro virtual da equipe foi feito através do *Google Meet*, em 9 de março de 2021, para apresentação geral do projeto e interação entre os integrantes. Neste primeiro encontro, o processo de pré-produção teve início com uma tempestade de ideias. A pré-produção é a etapa crucial do *podcast*, haja vista que monta o esqueleto do produto e, nesse momento, algumas definições são essenciais para dar continuidade à produção. Ao realizar a pré-produção, é preciso “observar desde a seleção da pauta e dos personagens, pré-entrevistas para a montagem do roteiro” (Parisotto; Winques, 2018, p.7-8).

Na reunião de pré-produção, foram definidas as datas de lançamento para cada tema, possíveis entrevistados, além de um cronograma de conteúdos para as redes sociais. Decidiu-se pela divulgação dos episódios na última quinta-feira de cada mês, e os temas foram planejados para serem divulgados em meses estratégicos, conforme planilha abaixo:

Tabela 1 – Planilha mensal e temática dos episódios.

TEMPORADA 1 - “PRA FRENTE É QUE SE ANDA”			
Episódio	Mês	Tema	Justificativa
1	Maio	Direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres	Mês do enfrentamento à violência sexual
2	Junho	Direitos da mulher	Continuidade sobre direitos sexuais
3	Julho	Direito LGBTQIA+	1 mês após o Dia do Orgulho LGBTQIA+
4	Agosto	Juventude, cultura e periferia	Mês do Dia da Juventude
5	Setembro	Direitos dos povos do mar	2 anos do derramamento de óleo no litoral nordestino

6	Outubro	Agricultura e soberania alimentar	Mês do Dia da Agricultura
7	Novembro	Luta e resistência da população negra	Mês da Consciência Negra

Fonte: autoria própria (2022).

Ao mesmo tempo, também foi realizada a divisão de responsabilidades da equipe: o bolsista de extensão – estudante de Jornalismo – ficou responsável por gerenciar as plataformas de gravação, de *streaming* e as redes sociais, além de produzir os episódios mensais, criar as pautas, roteiro de entrevista e mediar, junto com a coordenadora, a entrevista; a estudante do curso de Audiovisual da UFRN e colaboradora voluntária, ficou responsável pela coleta dos áudios das entrevistas e realizar a edição dos programas, que foram divididos em dois blocos, com duração de 28 minutos cada; o estudante de Publicidade e Propaganda, também da UFRN, ficou responsável pela identidade visual do projeto, além da produção de peças para as plataformas de *streaming* e o *Instagram*. Juntos, os estudantes voluntários de Audiovisual e de Publicidade criaram o logotipo do *podcast*.

Ainda nesta etapa, foram levantados alguns nomes de possíveis entrevistados. No entanto, foi preciso, primeiramente, realizar testes na plataforma de gravação, além de criar o perfil do *podcast* nas plataformas de *streaming*. No decorrer deste processo, a equipe do “Pra frente é que se anda” encontrou algumas dificuldades, tendo em vista que toda a temporada foi produzida de forma *on-line*. Uma das dificuldades foi a entrega de um material sonoro com alta qualidade, já que não havia à disposição equipamento e ambiente adequados para gravação, como microfone e isolamento acústico. Com isso em vista, a equipe participou de uma capacitação promovida pela Rádio da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que abordou o tema de produção de material sonoro com qualidade, utilizando telefone celular, além de criar um estúdio caseiro com o guarda-roupa.

O processo de pré-produção precisa ser bem estruturado para que as demais etapas da produção sejam bem executadas, isso porque “nesta primeira etapa, é importante extrair o maior número de informações possíveis da fonte, para conseguir conhecer sua realidade” (Parisotto; Winqes, 2018, p.8). Por fim, a equipe conseguiu realizar a pré-produção e deu continuidade com a realização das entrevistas e divulgação dos episódios.

O “Pra frente é que se anda” experimentou, ao longo de sua produção, diversos modelos de gravação do *podcast*, desde a gravação remota, através de aplicativos especializados, até uma entrevista por áudios enviados pelo *WhatsApp*. Devido ao isolamento social, as formas de gravação precisaram ser virtuais, ao mesmo tempo que precisavam ser de fácil acesso para os convidados, haja vista que nem todos conseguem manusear os programas de gravação. O único objetivo que precisava ser atendido era assegurar a escuta das memórias dessas pessoas. A primeira ferramenta utilizada pelo *podcast* foi o *Anchor FM*, que permitiu gravar as entrevistas de forma remota, além de ser a mesma plataforma que faz o gerenciamento dos perfis nas plataformas de *streaming*.

Entretanto, na produção dos dois primeiros episódios, a equipe sentiu a necessidade de encontrar outra plataforma para gravação e utilizar o *Anchor FM* apenas para publicação dos episódios. Essa necessidade surgiu devido aos ruídos identificados no áudio, já que este software não permitia fechar o microfone de nenhum dos participantes durante a entrevista. Ainda que as orientações para reduzir os ruídos fossem compartilhadas para todos, eram perceptíveis alguns barulhos, a exemplo de latidos de cachorro na vizinhança, que precisavam ser editados antes da publicação. Falhas na conexão da internet também geravam problemas na captação do áudio. Assim, o “Pra frente é que se anda” começou a utilizar a plataforma *Discord*, que além de permitir silenciar os microfones, disponibilizava, após a entrevista, os áudios separados de cada participante, o que implicou na redução dos ruídos nos episódios seguintes.

Por outro lado, o *Discord* não era de tão fácil acesso, já que era preciso criar uma conta no aplicativo e entrar na sala correta de gravação. Com isso, alguns dos entrevistados sentiram dificuldade e foi preciso encontrar outro método para não perder o relato. Na produção do episódio 3, sobre direitos LGBTQIA+, a equipe se deparou com uma situação delicada, pois o primeiro bloco de entrevista, com Bia Crispim, a única professora trans da rede particular de ensino do Rio Grande do Norte, já tinha alguns problemas técnicos que foram impossíveis de controlar, devido a problemas na captação do áudio pelo microfone e ruídos externos durante sua fala. O segundo bloco trouxe outro desafio: a entrevistada Rosângela Castro, integrante da Articulação Brasileira de Lésbicas (ABL), não conseguiu ter acesso ao *Discord* e nem ao *Anchor FM* para gravação. Por esse motivo, a equipe de produção decidiu realizar a entrevista atra_

vés do *WhatsApp*, com envio de áudios, em um grupo criado na rede social.

Ainda assim, a conexão com a internet manteve-se problemática. Com Cláudia Gazola, arquiteta e fundadora do coletivo Leila Diniz, houve um intenso trabalho de edição para tornar seus áudios compreensíveis e diminuir a diferença de volume entre eles. Já com o cacique Luiz Catu, da Aldeia Catu, os problemas de conexão inviabilizaram a entrevista. Dessa forma, não publicamos um episódio sobre povos originários, conforme previsto inicialmente.

Vale relatar ainda que a primeira entrevista realizada, sobre o tema “Direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres”, rendeu mais do que havíamos planejado. A decisão da coordenadora e do bolsista, ainda durante sua realização, foi fazê-la mais longa do que o programado, para não interromper o rico fluxo de memórias. Assim, Paula Viana, enfermeira do Grupo Curumim, em Pernambuco, ocupou um episódio inteiro; a entrevistada Cláudia Gazola, que inicialmente estaria no segundo bloco do episódio 1, foi a única entrevistada do episódio 2. Com o ajuste do tamanho do roteiro, os demais episódios puderam todos contar com dois entrevistados, um em cada bloco.

5 A IDENTIDADE VISUAL

Um Sistema de Identidade Visual (SIV) é a expressão gráfica da identidade de um projeto, instituição, empresa ou até personalidade, e consiste em sintetizar sua identidade em características visuais que a diferenciam e, ao mesmo tempo, mantém as suas semelhanças, permitindo que seja reconhecida como um participante do grupo em que está inserida (Matos, Coutinho; 2021).

A construção de um SIV não se resume apenas ao ato de desenhar o logotipo, envolve múltiplos atores, entre os quais estão, segundo Matos e Sousa (2018): o cliente, o público-alvo, os similares e o *designer*. O ideal no método de criação é envolver todos esses atores no percurso. No entanto, devido à pandemia, a pesquisa com o público-alvo foi excluída. Dessa forma, foram ativos no processo os próprios integrantes do projeto que estavam responsáveis pela criação, ocupando o papel de clientes e de *designers*.

No universo dos *podcasts*, onde o “Pra Frente é que se anda” está inserido, as marcas utilizam, de modo geral, ícones de fones de ouvidos ou microfones em suas iden_

tidades visuais. Para fugir desse padrão, a *sankofa*, que foi tomada como referência para a criação do nome do *podcast*, foi a forma escolhida que serviu de base para a criação da marca.

Figura 1 - Representações da *sankofa*.



Fonte: autoria própria (2022).

O conceito e a referência visual foram definidos após algumas reuniões entre os integrantes da equipe. Posteriormente, se chegou à versão final do logotipo que, além do ícone da *sankofa*, é composto pelo círculo vermelho, para remeter ao ícone que sinaliza se o aparelho de áudio ou vídeo está gravando, junto com a tipografia escolhida. A versão final e a paleta de cores escolhida para o SIV também foram definidas em reuniões da equipe.

Figura 2 - Versão principal do logotipo e paleta de cores.



Fonte: autoria própria (2022).

Figura 3 - Versões alternativas do logotipo

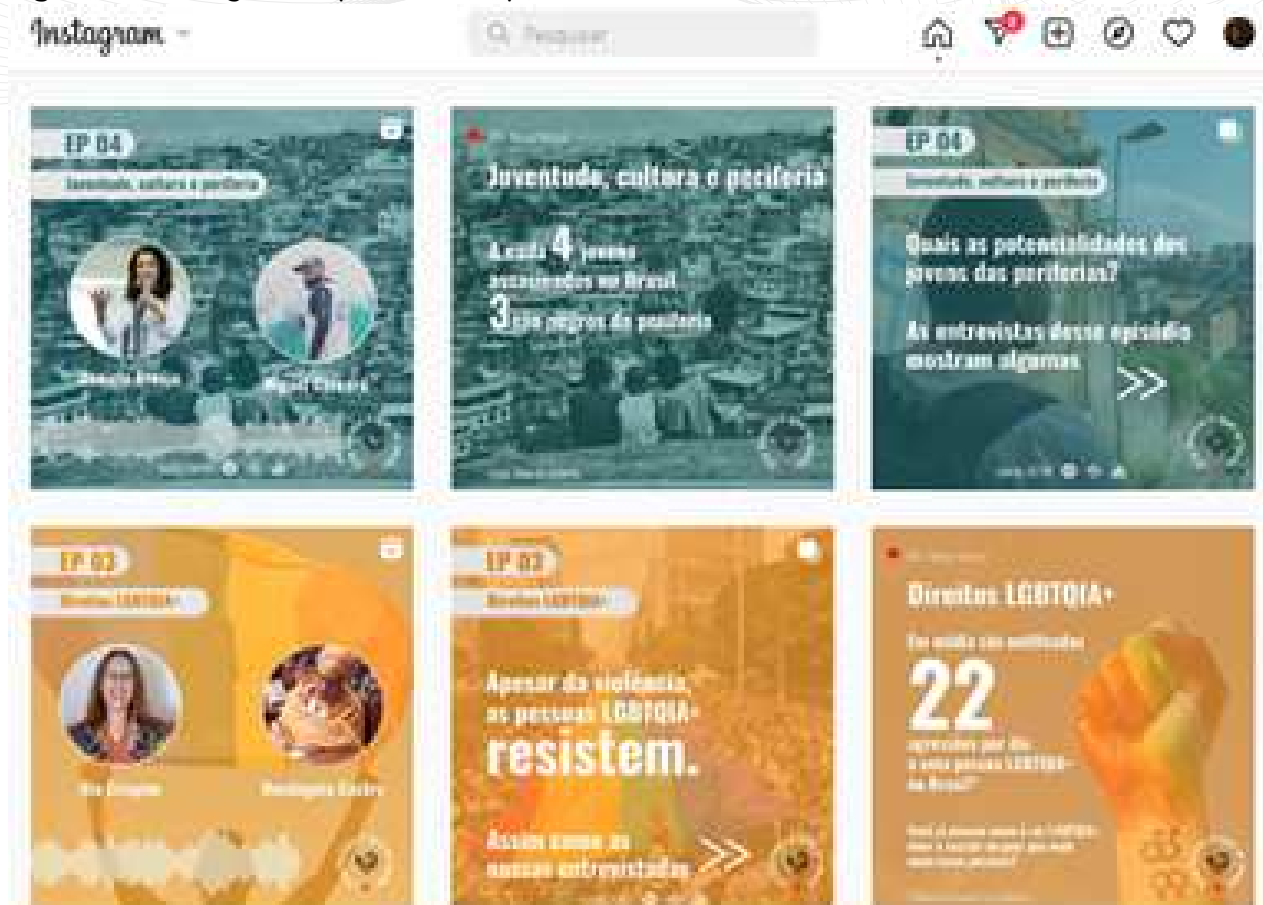


Fonte: autoria própria (2022).

Após a definição do Sistema de Identidade Visual, começou o processo de estruturação da comunicação do “Pra frente é que se anda”, com o objetivo maior de divulgar o *podcast* e seus episódios. Tendo em vista que a natureza do *podcast* é debater os direitos humanos, aplicam-se os conceitos do *Marketing Social* para sua comunicação, que consiste no emprego dos fundamentos e técnicas do *Marketing* para destacar aspectos comunicacionais que evidenciem o valor social dos temas discutidos nos episódios, a fim de sensibilizar o público e contribuir em benefício da sociedade (LEE & KOTLER, 2009, *apud* BARROS, 2013).

Para divulgação do *podcast* e seus episódios, foi criado um perfil no *Instagram*. Na primeira temporada, foi estabelecido um padrão de três postagens por episódio. A primeira delas introduz o tema central, a segunda apresenta as pessoas entrevistadas e a última destaca trechos relevantes de alguma fala do episódio.

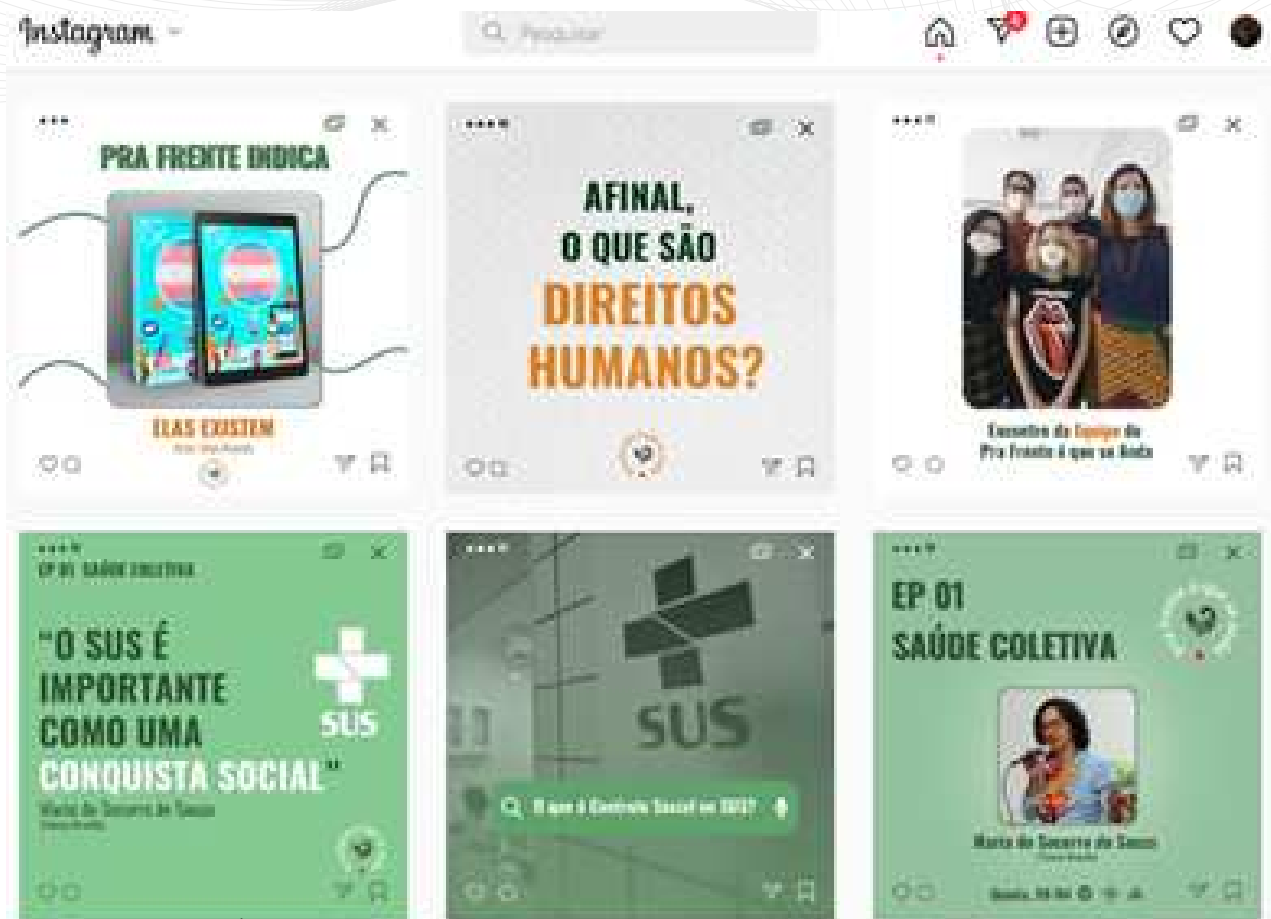
Figura 4 - Postagens da primeira temporada.



Fonte: autoria própria (2022).

Observou-se, entretanto, que esse formato limitou que outros conteúdos fossem inseridos, visto que o conceito visual definiu um padrão de apenas três postagens por episódio, cada um adotando uma cor da paleta do SIV. Para a segunda temporada, considerando a necessidade de diferenciar visualmente as duas temporadas, decidiu-se adotar um padrão que permite inserir outros conteúdos, dentro da temática dos direitos humanos, entre as postagens.

Figura 5 - Postagens da primeira temporada



Fonte: autoria própria (2022).

Figura 6 - Feed completo da primeira temporada.



Fonte: autoria própria (2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Pra frente é que se anda” conseguiu ir além dos seus objetivos de acordo com dois aspectos. Um deles é a formação da própria equipe, que se manteve coesa durante

a segunda temporada, tendo agregado mais duas estudantes: uma voluntária e uma bolsista, em substituição ao primeiro bolsista, hoje jornalista formado, mas que segue colaborando voluntariamente. O compromisso de cada um e cada uma com uma experiência que se iniciou de forma remota, sem que o grupo se conhecesse pessoalmente, mostra que há um compartilhamento de valores que move o grupo. Também foi além no quesito audiência, conseguindo chegar a uma quantidade maior de pessoas do que foi estabelecido na proposta inicial (cem pessoas).

O principal objetivo foi alcançado: ouvir narrativas de pessoas ligadas a movimentos sociais e de direitos humanos, num trabalho que pode ser considerado de construção de memória. Elizabeth Jelin (2002) utiliza a noção de “*moral entrepreneurs*”, de Howard Becker, e a aplica ao campo das disputas por memória. Segundo ela, o empreendedor se envolve pessoalmente em seu projeto, mas também envolve outros. Diferente do militante da memória, que atua na perspectiva do dever de memória, em busca de justiça e reparação, o empreendedor é um gerador de projetos, novas ideias e expressões de criatividade. Os universos acadêmico e artístico são considerados espaços de relevância para os “empreendimentos de memória”. É este o horizonte presente neste trabalho.

Concluída a primeira temporada, com o fim da pandemia finalmente se aproximando, segundo a própria Organização Mundial de Saúde (OMS), sobressaiu-se a necessidade de aprofundar a articulação com movimentos sociais e de defesa de direitos. Tendo isso em vista, foi desenvolvida a ideia de serem realizadas visitas a alguns dos lugares ligados aos temas já abordados nos primeiros episódios, envolvendo também mais estudantes da universidade, ou ainda receber alguns dos entrevistados e entrevistadas para rodas de conversa, cursos de extensão ou outras atividades presenciais. O desafio está dado e ainda não foi resolvido.

REFERÊNCIAS

BARROS, G. C.; MENTA, E. “Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã”. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, vol. IX, n. 1, 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/217/186>. Acesso em: 17 de set de 2022.

BARROS, Raissa Barreto. **Marketing Social aplicado às ONGs**. 2013. 72 f. Monografia (Bacharelado) – Curso de Publicidade e Propaganda, Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

EXCESSO de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2022. OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021>. Acesso em: 18 de set de 2022.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da história oral”. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XX de España Editores, 2002.

MATOS, Silvia; COUTINHO, Solange Galvão. “Critérios para Análise de Similares em Processos de Criação de Identidades Visuais, a Partir de Classificações Advindas do Design Gráfico e da Informação”, p. 150 -185. **formar novos sentidos – Vol. 2**. São Paulo: Blucher, 2021.

MATOS, Silvia Oliveira de Alencar; SOUSA, Igor Ferreira de. "**Fuxicando no I.GO**: testando o protótipo do método de criação de identidades visuais – Fuxico", p. 1381-1393. Anais do 8º Congresso Internacional de Design da Informação. Natal, 2018.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

PARISOTTO, M. L.; WINQUES, K. **Realidade virtual e humanização no jornalismo: etapas de produção para a construção de narrativas em 360 graus**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Joinville, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1365-1.pdf>. Acesso em: 17 de set de 2022.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (tomo 01)**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ROSA, André. Mês mais letal da pandemia, abril tem alta de 23,5% em mortes por Covid-19. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mortes-por-covid-19-no-brasil-tem-alta-de-23-5-em-abril>. Acesso em: 18 de set de 2022.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.